

4468

535



INDÍGENAS

GERAL

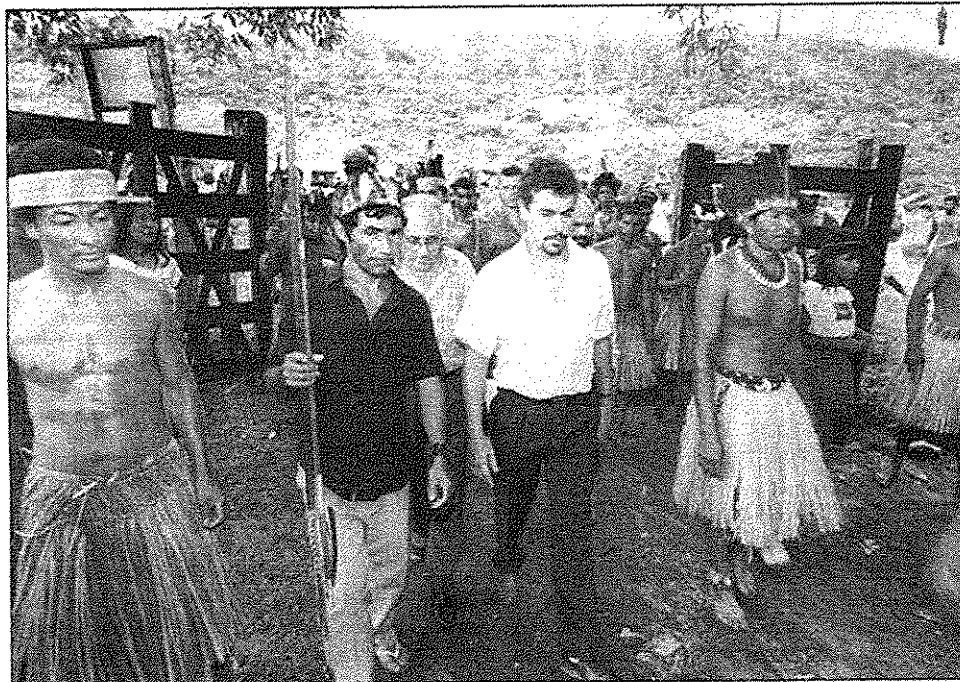
# Pataxós invadem cinco fazendas na Bahia

*Cerca de cem índios da tribo hã-hã-hãe se anteciparam à Justiça e ocuparam áreas a que têm direito de posse*

**I**ndios pataxós ocuparam ontem à tarde as cinco fazendas no sul da Bahia. Uma decisão do Tribunal Regional Federal de Brasília, em dezembro, autorizou a entrada dos pataxós nas áreas, mas até ontem a Justiça de Ilhéus não havia despachado a ordem permitindo a ocupação. Juntas, as cinco propriedades somam 788 hectares. A invasão foi deflagrada com a chegada à aldeia, na noite de terça-feira, do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger. Os pataxós são da tribo hã-hã-hãe da aldeia caramuru-paraguassu, à qual pertencia o índio Galdino Jesus dos Santos, queimado por estudantes de Brasília no último domingo.

A visita de Gaiger servia para acompanhar o sepultamento de Galdino. Ao chegar uma hora depois de encerrados os funerais, Gaiger transformou-se na garantia que os índios precisavam para conquistarem suas terras. "Se você sair, vai ser difícil conseguir a terra", afirmou o cacique Wilson Jesus dos Santos. O plano dos índios era invadir apenas a Fazenda Paraíso. Mas, no fim da tarde, eles resolveram tomar também as fazendas Nova Vida I, Nova Vida II e Bom Jesus. Hoje, os pataxós prometem iniciar o plantio de arroz.

A tomada das fazendas foi decidida depois de uma reunião, ontem de manhã, que contou com a participação do deputado federal Alcides Modesto (PT-BA), integrante da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara, e do advogado Waldir Farias de Mesquita, autor da ação de reintegração de posse dos pataxós, além do próprio Gaiger. Depois de uma hora de conversa, o cacique Wilson Jesus dos Santos sentenciou: "Não vamos esperar mais um momento sequer, a situação já era para estar solucionada e boa vontade da Justiça a



**Tomando conta:** os pataxós chegam com Gaiger (C) a uma das fazendas invadidas

gente nunca vai encontrar".

O presidente da Funai ouviu a notícia impassível. "Não se trata de concordar ou não com a invasão", disse Gaiger. "Se eu não estivesse aqui, fariam de qualquer jeito, é uma decisão da comunidade." O deputado Alcides Modesto manifestou solidariedade aos índios.

Atentos aos movimentos de Gaiger e Modesto, cerca de cem índios saíram em caminhada, percorrendo cerca de três quilômetros até a sede da fazenda. Sempre em grupo, entraram pela porteira e forçaram a abertura de portas e janelas da casa principal com bordunas. Mas decidiram não entrar na casa, enquanto a Polícia Federal não chegasse para fazer o inventário.

Na sede da fazenda, os índios encontraram três funcionários: o colhedor de cacau José Nunes da Silva, 45 anos, o jardineiro Arnaldo Oliveira Santos, 23, e a doméstica Saturnina da Silva, de 13. Eles não reagiram e junto com os índios aguardaram a chegada dos patrões — o casal Marcos Vinicius e Cleide Gaspar Guimarães, tidos como um dos mais ricos da região e que estariam em Itabuna.

A um quilômetro dali, outro grupo de índios negociava com Rosivaldo Rocha, empregado da Fazenda São Sebastião, a desocupação da sede. O proprietário Josino Pinto Corrêa também estava ausente. Rocha iniciou a retirada dos móveis.

Durante a invasão, o presidente da Fu-

nai tentou deixar a reserva, mas alcançado pelos índios e trazido de volta. Mesmo assim, Gaiger negou que estivesse refém dos pataxós. Todos esperaram então a chegada da Polícia Federal, que foi acionada em Salvador por ser feriado em Ilhéus. A procuradora da Funai Ana Carvalho foi enviada ontem mesmo a Ilhéus para obter o documento que permitiria a ocupação das fazendas. A liminar que autoriza aos pataxós ocupar as áreas até uma decisão final da Justiça foi concedida em dezembro pelo juiz Tourinho Neto, do Tribunal Regional Federal de Brasília. Tourinho derrubou uma sentença de uma juíza de Ilhéus, contrária à ocupação dos 788 hectares pelos índios.

O imprevisto da situação e a urgência em realizar a ocupação das fazendas provocaram constrangimentos entre índios e jornalistas que estão fazendo a cobertura dos últimos acontecimentos na aldeia caramuru-paraguassu. Durante cerca de três horas, repórteres, fotógrafos e cinegrafistas das equipes do Jornal do Brasil, O Globo, Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo, Correio Braziliense, A Tarde, TV Globo e TV Record foram impedidos de deixar a reserva. "Quem está aqui não sai", ordenou um dos caciques.

A justificativa para manter os jornalistas como reféns era de que estavam no meio do processo de ocupação das fazendas. Por isso, os jornalistas foram autorizados a acompanhar a caminhada com os veículos em que estavam, devidamente vigiados por índios até a chegada à sede da Fazenda Paraíso. Ali, depois de nova negociação, o cacique Wilson Jesus dos Santos, liberou os jornalistas para que fossem até a cidade de Pau-Brasil transmitir as informações sobre suas próprias ações.